

# Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista

## Space and gender, sexuality and feminist geography

*Marcio Jose Ornat<sup>1</sup>*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** As temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade têm sido objeto de interesse da Geografia em vários países, a partir da existência tanto de disciplinas nos cursos de graduação como de um conjunto de publicações bem conhecidas dos geógrafos humanos. Entretanto, no Brasil essas discussões não têm ganhado a importância necessária, mostrando-se desde a pequena publicação geográfica em periódicos, de eventos organizados privilegiando tal temática e o reduzido número de geógrafos com linhas ou projetos de pesquisa que tenham por objetivo compreender as temáticas de gênero e sexualidade a partir da sua espacialidade. O etnocentrismo tem prevalecido nestas compreensões, e em larga medida, não tem sido desafiado por geógrafos não anglófonos. Defendemos a idéia de que os estudos de gênero e sexualidade são uma interessante possibilidade geográfica, que pode nos ajudar na compreensão das nossas especificidades, nos abrindo para um novo mundo, complexo e diverso.

Palavras-Chave: Geografia Feminista. Gênero. Sexualidade. Geografia Brasileira.

**Abstract:** The themes related to gender and sexuality have been the object of interest of Geography in various countries, from the existence of disciplines in graduate programs as a set of well-known publications of human geographers. However, in Brazil these discussions have not won the necessary importance and is from a small geographical publication in periodicals, organized events focusing this issue and the limited number of lines or research projects that have the objective to understand the issues of gender and sexuality from their spatiality. The ethnocentrism has prevailed in these understandings, and largely has not been challenged by non-anglophone geographers. We support the idea that the study of gender and sexuality are an interesting geographic scope, which can help us in our understanding of the specifics in opening a new world, complex and diverse.

Keywords: Feminist Geography. Gender. Sexuality. Brazilian Geography.

### PALAVRAS INICIAIS

Nosso propósito é tecer uma discussão, a partir deste texto, sobre as temáticas de Gênero e Sexualidade na Geografia. Nosso desejo e encaminhamento na cons-

trução deste artigo nasceu do acesso a três importantes trabalhos, realizados por Oberhauser (et al., 2003), McDowell (2003) e Binnie e Valentine (1999). Esses trabalhos foram realizados a partir de um esforço de sistematização, buscando estabelecer

<sup>1</sup> Pesquisador do Grupo de Estudos Territoriais (GETE), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

quais eram as principais orientações tanto da geografia inglesa como norte americana nos últimos anos de pesquisa geográfica. As duas primeiras tratam da geografia feminista (pesquisas feministas em geografia), e a terceira localiza, na estrutura de produção do conhecimento, uma área denominada Geografia da Sexualidade. Vemos a necessidade de contribuir com estas discussões, e para tanto, buscamos socializar nossas leituras e reflexões em língua portuguesa, pois diferentemente da geografia produzida na língua inglesa, a geografia brasileira tem, via de regra, dado pouca atenção à dimensão espacial destas temáticas.

Partindo da afirmação de que a *Geografia está em toda parte*<sup>2</sup>, as discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo. Esses caminhos têm sido trilhados pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais / GETE, a partir de trocas empíricas e teóricas. Como salientado por Olesen (2008), muitos cientistas sociais que trabalham com mulheres, homens e grupos homossexuais, não sabem que produzem conhecimento dentro de um grande corpo de reflexão denominado estudos feministas. Pensamos que as nossas primeiras incursões empíricas se colocavam neste grupo proposto.

Na graduação, durante a construção do trabalho de conclusão de curso, tínhamos como objetivo compreender a relação entre os deslocamentos cotidianos intra-urbanos e a reprodução das relações de pobreza de dois grupos com as mesmas características sócio-econômicas, mas com localizações distintas em relação ao centro da cidade de Ponta Grossa - Paraná - Brasil (ORNAT; SILVA, 2007). Nossos recortes grupais eram os moradores de dois fragmentos

do espaço urbano, mais especificamente homens e mulheres chefes de família. Os questionários foram aplicados tanto a homens como a mulheres, buscando levantar as características de deslocamento destas famílias, como destino, intensidade e motivo.

Após levantamento feito, verificamos que os fragmentos possuíam as mesmas intensidades de deslocamento. Entretanto, quando as informações foram separadas em relação a homens e mulheres, os homens deslocavam-se a maiores distâncias, com maior intensidade, e as mulheres deslocavam-se a menores distâncias com uma intensidade menor. Neste momento, o campo nos mostrou que existem relações que não são exclusivamente explicáveis apenas pelo aspecto econômico, mas relacionadas ao conjunto de idéias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem ou mulher, um conjunto de comportamentos que são esperados dos sujeitos, diferenciados temporal e espacialmente (SCOTT, 1990).

Após o retorno ao campo, pudemos verificar, a partir de entrevistas em profundidade, que seus discursos apontavam para papéis distintos entre homens e mulheres. Estas tinham por papel o cuidado com a casa e com os filhos, enquanto aos homens eram reservadas as obrigações da manutenção econômica do lar. As mulheres ficavam responsáveis por fazer compras, pagar contas, levar filhos à escola e ao médico, enquanto os homens tinham por atividade principal o trabalho. Este caminho nos abriu uma perspectiva relacionada ao fato de que, como analisado por Butler (2003), o mundo é estruturado a partir de dois pólos, masculino e feminino, colocando-se estes como termos universais.

Entretanto, alguns grupos desestabilizam as representações de masculinidade e feminilidade, como por exemplo: os grupos de gays, lésbicas, travestis, tran-

<sup>2</sup> COSGROVE, D. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z., 2004.

sexuais, *shemales*, *tgirls*, *ladyboys*, *T-lovers*, e mulheres não-transex. As específicas espacialidades destes sujeitos tencionam a heterossexualidade inscrita no espaço, até então invisível (VALENTINE, 1993). Essas reflexões têm se colocado dentro de um corpo de discussão em que as principais influências estão localizadas nos trabalhos de Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Teresa de Lauretis, Judith Butler, Donna Haraway, e mais especificamente na Geografia, nos trabalhos realizados por geógrafas/os como Davis Bell, John Binnie, Gill Valentine, Nancy Duncan, Richard Phillips, Peter Jackson, Linda McDowell, Gillian Rose, entre outros.

Dentre as várias perspectivas lançadas pelos autores, uma das proposições que tem nos chamado atenção está relacionada à discussão feita por Butler (2003), referente a seu conceito de *performatividade*. A autora entende a performatividade como a reiteração de um conjunto de normas que são anteriores aos sujeitos. Esses papéis de gênero seriam cotidianamente retrabalhados, demonstrando sua característica de instabilidade, temporalidade e espacialidade. Pelo fato de não existir um gênero ideal localizado em alguma posição social, os elementos ou normas de gênero seriam apropriados e re-significados pelos sujeitos. Esses papéis são sustentados pela imposição aos corpos da linearidade de sexo-gênero-desejo, pois espera-se que corpos nomeados como macho ou fêmea desempenhem papéis correspondentes de masculinidade e feminilidade. Alguns corpos escapam desta imposição, sendo nomeados como desviantes e doentes, e tendo outras espacialidades.

Neste ponto, o sexo vai muito além de um fato, um dado (MCDOWELL, 2003). Ele é significado e elaborado socialmente/culturalmente, e por isso mutável, variável e aberto a mudanças (BEAUVOIR, 1967). É com regulações institucionais, práticas

culturais e interações cotidianas que o sexo transforma-se em gênero, a partir de construções espaço-temporais específicas.

A empiria colabora com estas afirmações. Na terceira maior ilha da Indonésia, na Ilha de Sulawesi, reside um grupo étnico denominado de Bugis. Este grupo é estruturado não apenas por dois gêneros, mas por cinco gêneros, sendo que nenhum deles é desviante a alguma norma, como nos casos de exclusão e segregação facilmente encontráveis no ocidente em relação a grupos homossexuais. Os cinco grupos seriam: Aroane, Makunmi, Calalai, Calabai, Bissu. Generalizações podem ser problemáticas, devido à distinção das organizações sociais entre ocidente e outros grupos "não-ocidentais". Entretanto, a guisa de ilustração, cada grupo seria, a partir da nossa visão ocidental, comparável aos seguintes grupos, na mesma ordem: masculino, feminino, lésbicas, gays, para-gênero - masculino/feminino. Esses grupos desafiam nossas noções de que os seres humanos dividem-se apenas em dois gêneros, e que é a anatomia que determina os mesmos (BLACKWOOD, 2005).

Tanto em relação ao gênero, a performatividade e a linearidade de sexo, gênero e desejo, o espaço é um elemento primordial enquanto reflexo, meio e condição das normas culturais de gênero e sexualidade. Entretanto, da mesma forma que existem distintas espacialidades, relacionadas a distintas práticas sociais, a produção geográfica não é homogênea, havendo uma grande variedade entre as temáticas valorizadas na própria reflexão das espacialidades dos grupos sociais.

### REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO GEOGRÁFICA EM GÊNERO E SEXUALIDADE

As discussões geográficas envolvendo a relação entre as temáticas gênero, es-

pacialidade e sexualidade colocam-se no Brasil num conjunto de esparsos trabalhos. Tais discussões não têm ganho voz, tanto no formato de publicação em periódicos, como relacionado aos trabalhos orientados nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil.

Após uma busca realizada tanto no Portal de Dissertações e Teses da Capes<sup>3</sup>, como na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações<sup>4</sup>, coordenando pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), desde o ano de 1987, a partir dos termos *gay*, *gênero*, *homossexual*, *lésbica*, *prostituição*, *queer*, *sexualidade*, *transexual*, *travesti*, *travestilidade*, todos relacionados à Geografia, foram encontrados trinta e três trabalhos (dissertações e teses). Entretanto, existe uma duplicação tanto de informações entre os bancos de dados como entre palavras-chave. Isto demonstra que a aceitação desta temática, via de regra, não vai muito além, no Brasil, de “críticas de corredor”. Os ambientes de interlocução também são em pequeno número, restringindo-se no Brasil aos encontros do Simpósio de Espaço e Cultura (NEPEC), encontros multidisciplinares, e outros em que estas discussões são periféricas ou deslocadas.

Na produção geográfica localizada nos periódicos de circulação nacional, novas discussões demonstram o desejo de constituição de novos horizontes para a geografia. Novas temáticas são apontadas por geógrafas/os como Oliveira e Vianna (1988), Mattos e Ribeiro (1996), Ribeiro (1997), Campos (2000) e Costa (2005), pensando as questões das mulheres, território, sexo e a prostituição a partir das suas espacialidades. Outras posturas podem ser vistas em Silva (2003, 2007 a-b, 2008), Ornat (2008), Ornat e Silva (2007), Nabozny

(2007 a-b), Nabozny, Ornat e Silva (2007), Veleza da Silva (1998), Rossini (1992, 1993, 1994, 1998, 2002), López Pons e Lan (2008), entre outros<sup>5</sup>. Estas reflexões buscam pensar o gênero e a sexualidade a partir de novas orientações epistemológicas, em sua maioria, desvencilhadas de perspectivas masculinistas.

Outras visualizações foram obtidas a partir de um trabalho sistemático realizado pelo Grupo de Estudos Territoriais, entre novembro e dezembro de 2008, tendo por objetivo mapear as produções brasileiras localizadas em periódicos de circulação nacional. Este trabalho demonstrou que de mil quinhentos e nove artigos, localizados em cento e noventa e sete revistas, entre os anos de 1978 e 2008, foram encontrados apenas cinco artigos referentes a temáticas *mulheres e gênero* (Oliveira e Vianna, 1988; Rossini, 1998; Diniz, 2003; Silva, 2007 a-b).

Outra busca<sup>7</sup> realizada refere-se às linhas e projetos de pesquisa sob coordenação de doutores geógrafas/os, cadastrados na Plataforma Lattes (CNPq/Brasil), que tinham por palavra-chave *Geografia Feminista, Gênero, Sexualidade e Mulheres*. Do total de currículos cadastrados na Plataforma Lattes, apenas quinze tinham como palavra-chave alguns dos termos acima postos. Apenas três destes currículos tinham algum projeto de pesquisa com ocorrência na década de 1990. Estes tinham por objetivo compreender a relação entre mulher e cultura, movimentos sociais,

<sup>5</sup> As pesquisas foram restritas ao ambiente virtual. Assim, nem todas as reflexões existentes estão contempladas, já que foram realizadas a partir de ambiente World Wide Web e muitos periódicos não são publicados na sua versão digital.

<sup>6</sup> Revista Espaço e Cultura, Revista Geographia, Revista GeoSUL, Revista GeoUSP, Revista Mercator, Revista Raega, RBC, Revista Sociedade & Natureza, e Revista Território.

<sup>7</sup> As buscas foram realizadas a partir dos filtros: Assunto (Título ou palavra chave da produção); Área de Atuação (Grande Área: Ciências Humanas; Área: Geografia; Subárea: Geografia Humana; Especialidade: Todas); Áreas ou Setores da Produção em C&T (Grande Área: Ciências Humanas; Área: Geografia; Setor de Aplicação: Todos). <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>>.

<sup>3</sup> <<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>>, [19 a 23 de maio de 2008].

<sup>4</sup> <<http://bdtd.ibict.br/bdtd/busca/re.jsp>>, [19 a 23 de maio de 2008].

trabalho, cotidiano e gênero. No início do século XXI, alguns temas permanecem como as relações entre mulheres e trabalho. Entretanto, outros temas têm nascimento, como a valorização da obra de Simone de Beauvoir para as ciências sociais, planejamento urbano e gênero, as questões de gênero na lutas do Movimento dos Sem-Terra, cruzamentos entre gênero, raça e uma feminização da pobreza, migrações nacionais e internacionais. Nesta década surgem acusações de ausências e silêncios do discurso geográfico, a instituição de um espaço paradoxal como resultante da intercessão entre sexo, gênero e desejo, e a espacialidade das “homo”sexualidades. Também fazem parte desta tônica as discussões envolvendo violência, criminalidade e gênero.

Esses trabalhos foram realizados na década de 1990, ou tem sido realizados neste início de século, pelas/os professoras/es Antônia dos Santos Garcia (Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil), Antonio Thomaz Júnior (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil), Benhur Pinós da Costa (Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Brasil), Carmen Regina Dorneles Nogueira (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Brasil), Doralice Barros Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil), Elizeu Ribeiro Lira (Fundação Universidade Federal do Tocantins, UFT, Brasil), Ivana Maria Nicola Lopes (Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil), Jones Dari Goettert (Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Brasil), Joseli Maria Silva (Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, Brasil), Kelly Cristine Fernandes de Oliveira Bessa (Fundação Universidade Federal do Tocantins, UFT, Brasil), Martha Johanna Haug (Faculdades Integradas Cândido Rondon, UNIRONDON, Brasil), Rosa Ester Rossini (Universidade de São

Paulo, USP, Brasil), Sonia Alves Calió (Universidade de Uberaba, UNIUBE, Brasil), Sueli Andruccioli Felix (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil) e Susana Maria Veleda da Silva (Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Brasil)<sup>8</sup>. Estas/es geógrafas/os têm se colocado na contra mão do que é produzido, via de regra, no Brasil, pois este total é pequeno, frente ao número de geógrafos/as que trabalham com outras temáticas já consagradas da geografia humana, como geografia urbana ou geografia política. Isto difere da relevância dada por outros campos do conhecimento às temáticas de gênero e sexualidade, temas que a tempo são trabalhados na Antropologia, Sociologia, Psicologia e História.

Na produção científica do “hemisfério norte”, Olesen (2008) aponta em *Early Millennial Feminist Qualitative Research*, que os principais campos do conhecimento que tratam das questões envolvendo gênero e sexualidade são a Antropologia, Sociologia, Psicologia, Ciência Política, Filosofia, História e Estudos Interdisciplinares de Mulheres, e os Estudos Culturais, mas também em programas profissionais como Educação, Enfermagem, e Serviço Social. Mas infelizmente, dentre as 20 perspectivas lançadas pela autora e os 125 trabalhos levantados, nenhum deles está relacionado a uma reflexão espacial. Mas a geografia tem contribuído à estas discussões.

O interesse pelos fenômenos sociais relacionados ao gênero e à sexualidade surgiu na segunda metade do séc. XIX, como visto por Phillips (1999). O nascimento desta curiosidade tinha por origem a modificação de uma série de práticas discursivas, como dos sistemas hegemônicos do direito, da medicina e da religião (FOUCAULT, 1988), mas também de outros discursos, como da arte, da pornografia, da antropologia, e da literatura de viagem.

<sup>8</sup> Fonte: Plataforma Lates.

Estas literaturas de viagem são deveras interessantes, pois cartografaram territórios imaginários nos quais novas representações de sexualidade – homo e hetero – foram construídas e contestadas. Como afirmado por Phillips (1999), poucos autores tiveram um papel tão importante de cartografar e discutir a sexualidade, como a partir da proposta de Richard Burton<sup>9</sup>. Mais especificamente, Burton cartografou em sua obra *The Thousand Nights and a Night*<sup>10</sup> (volume 10. London, 1886) uma Sotadic<sup>11</sup> Zone. Esta era uma área onde a pederastia era comum, desafiando com suas afirmações as construções hegemônicas de sexualidade, dando inteligibilidade para um novo sujeito da sexualidade, o homossexual. Esta era uma área localizada entre as Latitudes 43° e 30° norte, compreendendo o sul da Europa e o norte da África. No Oriente Médio esta faixa se estreitava, voltando a se alargar na China, Japão e Turquestão. Como nas palavras de Burton (1886), nos mares do sul e no Novo Mundo, o amor Sotádico era uma instituição bem estabelecida. Burton havia escrito diretamente e abertamente sobre sexo, defendendo um estilo combativo e queixando-se de censura. Burton afirmou que sua abordagem poderia prejudicar sua carreira e seu emprego. E de fato, Burton tornou-se *persona non grata*, tanto nos corredores da Foreign Office, como na Royal Geographical Society. Mas, o mais importante na sua obra foi à importância dada pelo geógrafo ao espaço no sexo e nas sexualidades, ou melhor, em saber como as relações sociais eram espacialmente constituídas e contestadas. (PHILLIPS, 1999)

<sup>9</sup> Outra interessante perspectiva pode ser vista na obra de Hans Stände, em *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre RS: L&PM, 2008, 181 p.

<sup>10</sup> <[http://www.wollamshram.ca/1001/Vol\\_10/vol10.htm](http://www.wollamshram.ca/1001/Vol_10/vol10.htm)>, [10 de janeiro de 2009].

<sup>11</sup> Burton tomou este termo de Sotades, um poeta de Alexandria do séc. III a.C., que escreveu versos aparentemente inofensíveis que tornavam-se obscenos se lidos de traz pra frente. (DYNES, W. 1985.)

A tradição da discussão envolvendo a relação entre espaço, gênero e sexualidade, enquanto um corpo de reflexão remonta apenas à década de 1970. Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde esta década, um sub-campo da geografia tem se afirmado, denominado “Geografia Feminista”. Desde suas primeiras proposições, este sub-campo têm se alimentado do movimento feminista e, ao mesmo tempo, o tem alimentado (OBERHAUSER *et al*, 2003).

A Geografia Feminista nasce no contexto da “segunda onda” do movimento feminista. Como dissertado por Narvaz e Koller (1996), este pode ser periodizado a partir de três ondas: a primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, entre o final do séc. XIX e início do XX, nascendo como um movimento de luta das mulheres por igualdades de direitos civis. Este foi estruturado na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha; a segunda onda ressurgiu nas décadas de 1960/70, em especial nos Estados Unidos e na França. E enquanto as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade (feminismo de igualdade), as francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada (feminismo de diferença); a terceira onda, forjada anos 1980, introduz o paradigma da incerteza no campo do conhecimento, tendo por influência as proposições feitas por Michel Foucault e Jacques Derrida. É nesta terceira fase que se observa uma intensa justaposição entre movimento político e academia.

Então, desde o surgimento da Geografia Feminista, durante a segunda onda do movimento feminista, são vistos cursos oferecidos nos programas de Geografia<sup>12</sup>,

<sup>12</sup> Florida Atlantic University at Boca Raton, Department of Geography (Florida-EUA); Clark University, Department of Geog-

de universidades de vários países, como nos Estados Unidos, Inglaterra, Índia, Canadá, Jamaica, Suíça, Índia, Nova Zelândia, e um conjunto de publicações bem conhecidas dos geógrafos humanos. Entretanto, a aceitação deste sub-campo vem sendo realizada com muita discussão e tensão, pois como denunciado em *Geography in America*, no capítulo escrito pela *Geographic Perspective on Women (GPOW)*, a geografia tem sido escrita como se os homens fossem os únicos representantes da espécie (GRUNTFEST, 1989). Assim, muitas abordagens têm reconhecido o papel do gênero no comportamento humano espacial.

Em linhas gerais, os tópicos analisadas por este sub-campo são a *Análise Feminista da Metodologia, Gênero e Trabalho, Desenvolvimento do Terceiro Mundo, Espaço Público e Privado, Geografia Cultural, Gênero-Identidade-Espaço, Geografia da Sexualidade, e Pedagogia Feminista* (OBERHAUSER *et al*, 2003; MCDOWELL, 2003; BINNIE; VALENTINE, 1999).

Essas discussões têm sido particularmente influentes desde a década de 1970. Como visto pelas/os autoras/es, essa produção não é apenas norte americana ou inglesa. E devido à dificuldade de delimitação de fronteiras da produção geográfica, têm-se visto a ocorrência de uma fertilização cruzada de idéias e experiências e um crescente número de conferências,

publicações, intercâmbios institucionais e empreendimentos de investigação, relacionados a pesquisadores de vários campos do conhecimento e nacionalidades.

Outro encaminhamento pode ser visto nas respostas ao questionário aplicado por Oberhauser (*et alii*, 2003) às participantes da *Geographic Perspective on Women (GPOW)*, na Association of American Geographers (AAG), em 1999. Os temas abordados neste inquérito eram como as pessoas haviam se envolvido com gênero na geografia, quais eram as teorias/conceitos/métodos que têm influenciado este sub-campo, quais os livros e artigos importantes, qual o papel da pedagogia feminista e dos profissionais ativistas na geografia, e as futuras direções deste sub-campo. Dois temas surgiram destas respostas, o envolvimento pessoal do pesquisador na geografia feminista e a relevância das pesquisas feministas para os tópicos de pesquisa geográficos relacionados à migração, identidades políticas, reestruturação econômica, pós-estruturalismo, e geografia da população. Assim, vejamos o Quadro 1.

De forma geral, as pesquisas feministas se colocam em quatro claras tradições; não representam distintas fases, mas mudanças gerais das idéias feministas na perspectiva geográfica feminista. Dentre as temáticas e os principais caminhos levantados por Oberhauser (2003), as que mais vêm influenciando e fomentando nossa imaginação geográfica, referem-se às discussões metodológicas na sua interface com cultura, identidade, espaço e sexualidade.

As reflexões e proposições metodológicas têm sido uma das mais importantes contribuições para a Geografia como um todo. Essas pesquisas geográficas têm se mostrado sensíveis às relações de poder, tanto entre os sujeitos investigados, como em relação ao próprio contexto da produção do conhecimento (MCDOWELL,

---

raphy (Massachusetts-EUA); University of Nebraska at Omaha, Department of Geography-Geology (Nebraska-EUA); Syracuse University, Department of Geography (New York-EUA); University of South Carolina, Department of Geography (South Carolina-EUA); West Virginia University, Department of Geology and Geography (West Virginia-EUA); University of Cambridge, Department of Geography (United Kingdom); The Pennsylvania State University (Pennsylvania-EUA); Kurukshetra University, Department of Geography (India); Queen Mary, University of London, Department of Geography (London-United Kindom); University of Central Missouri, Department of Geography (Missouri-EUA); University of California, Berkeley, Department of Geography (Berkeley-EUA); York University, Department of Geography (Toronto-Canadá); State of University of New York, Department of Geography (New York-EUA), University of Exeter (United Kingdom); University of West Indies, Department of Geography (Jamaica); University of Zurich, Department of Geography (Zurich-Suíça); University of Otago, Department of Geography (New Zeland), entre outras.

Quadro 1 :Tradições no Âmbito Geográfico da Investigação Feminista

	<i>Aproximações Teóricas</i>	<i>Metodologia</i>	<i>Tópicos de Pesquisa</i>
<b>Mulheres na Geografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ “Quantificando” as mulheres</li> <li>_ A Geografia das Mulheres</li> <li>_ Feminismo e Empiricismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Mapeamento de padrões espaciais das atividades das mulheres e status</li> <li>_ Desafio da Pesquisa Positivista</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Mulheres na Cidade</li> <li>_ Mulheres e Emprego</li> <li>_ Mulheres e Desenvolvimento</li> </ul>
<b>Feminismo Socialista</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Feminismo Socialista</li> <li>_ Marxismo</li> <li>_ Gênero e Desenvolvimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Materialismo Histórico</li> <li>_ Combinações entre Teoria e Práxis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Relações entre Capitalismo e Patriarcado</li> <li>_ Estrutura Espacial e Social do Trabalho Doméstico</li> <li>_ Papéis de Gênero no Terceiro Mundo</li> </ul>
<b>Feminismo do Terceiro Mundo/ política da diferença</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Pós-Estruturalismo</li> <li>_ Pós- Colonialismo</li> <li>_ Teoria Racial</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Análise do Discurso</li> <li>_ Pesquisa Participativa</li> <li>_ Histórias de Vida</li> <li>_ A política de trabalho de campo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Desafio Essencialista e Formas Eurocêntricas de conhecimento</li> <li>_ Planejamento de Gênero e Desenvolvimento</li> <li>_ Diferenças através do curso da vida</li> </ul>
<b>Feminismo e “Nova” Geografia Cultural</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Estudos Queer</li> <li>_ Pós-Modernismo</li> <li>_ Teoria Psicanalítica</li> <li>_ Representação Cultural</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Posicionalidade e reflexibilidade</li> <li>_ Análise Textual</li> <li>_ Narrativas</li> <li>_ Etnografia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>_ Conhecimento Situado</li> <li>_ Sexualidade e Espaço</li> <li>_ O Corpo e Identidades Políticas</li> <li>_ Imaginário e Espaço Simbólico</li> </ul>

Fonte: JOHNSTON *et al.* 2000; JONES, NAST; ROBERTS 1997; WGS, 1997. *Apud* OBERHAUSER *et al.*, (2003)<sup>13</sup>.

1992; ROSE, 1997). Tais discussões têm se estruturado a partir do tripé relacional sujeito/objeto, métodos/técnicas empregadas, e a política da investigação. Como nas afirmações de Oberhauser (2003), a metodologia feminista tem-se estruturado na crítica a objetividade e ao privilégio à certas formas de produção de conhecimento, naturais ao positivismo. Mas também fazendo uma crítica aos preconceitos sexistas e androcêntricos na investigação geográfica. Em contrapartida, o pressuposto da aproximação feminista destaca a subjetividade e a parcialidade inerentes dos processos de pesquisa (MCDOWELL,

1992; STAEHELI; LAWSON, 1995).

As relações entre poder e epistemologia são centrais nas discussões epistemológicas, pois o simples fato da percepção distinta entre homens e mulheres da organização espacial já tem criado distintas aproximações ou possibilidades de produção de conhecimento (NAST, 1994). A principal proposição deste aspecto é de que não existe uma clara distinção entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. Sob esta perspectiva, o que se obtém do processo de investigação é o resultado de condicionamentos recíprocos entre os vários elementos que produzem o pró-

<sup>13</sup> As tradições geográficas da investigação feminista já foram motivo de reflexão de Silva (2007a) em *Amor, Paixão e Honra como Elementos da Produção do Espaço Cotidiano Feminino*, evidenciando as interseções entre corpo, emoção, afetos e honras nas relações entre gênero e espaço urbano.

prio conhecimento. Isto quer dizer que os sujeitos, em uma relação de produção de conhecimento, se expressam posicionados a partir de distintos pontos de vista, tanto pesquisador como colaborador. Portanto, sempre a única possibilidade de construção de uma versão sobre a realidade é parcial, desviando-se da construção de metanarrativas (MIGNOLO, 2004).

O par da posicionalidade é a reflexibilidade, pois continuamente à percepção das pessoas investigadas moldam a estrutura e a interpretação das narrativas produzidas através do trabalho de campo. Isto diferencia claramente, para Oberhauser (2003), a pesquisa masculinista, que define quais serão os sujeitos investigados e as questões a serem colocadas, das pesquisas feministas, de caráter aberto e reflexivo da investigação, culminando na própria participação ativa dos sujeitos investigados na orientação de interrogatórios e dos termos da própria pesquisa. A autora aponta que esta perspectiva é aberta a múltiplas técnicas e métodos, apropriados aos contextos sociais e aos objetivos de investigação, como métodos quantitativos e qualitativos, etnografia, histórias de vida, entrevistas em profundidades e artes visuais.

Compreendendo que o gênero possui conectividades transversais com classe, etnia, idade e sexualidade, e que estas se colocam como estruturas dominantes das relações de poder, a metodologia feminista direciona atenção à diversidade, à reflexão crítica dos sujeitos investigados e à própria responsabilidade com estas vozes e suas vidas, pois para Oberhauser (2003), os métodos buscam tencionar o que sabemos, e mais importante, como viemos a saber.

As dualidades críticas têm se localizado, da mesma forma, na interface entre Geografia Feminista e Geografia Cultural, tanto na sua vertente tradicional como renovada. As incursões geográficas que avaliam a dimensão espacial da cultura

tem notado inicialmente a ausência do gênero enquanto um tema colocado em questão.

Um dos primeiros assuntos destes questionamentos era de que, no mínimo, as mulheres eram um grupo de pessoas diferentes dos homens. Kay (1991) tem argumentado que, mesmo que os trabalhos em geografia histórica não tenham feito nada contra as mulheres, estes têm uma imensa dívida, na inclusão de informações sobre as mulheres em suas pesquisas. Isto resulta em uma paisagem histórica, em que apenas a metade da população é visualizada. Da mesma forma, Mikesell (2000) afirma que a geografia cultural ignorou metade da população humana. O autor traz à luz problemas tanto da reflexão sobre as mulheres em contextos ocidentais como não-ocidentais. Uma outra proposição assenta-se sobre as diferentes formas de visualização da paisagem, entre a Geografia Cultural Tradicional e a Nova Geografia Cultural. Criticando o privilégio e a interpretação dada às paisagens materiais, os geógrafos culturais que trabalham com gênero vêm que em diversas vezes esta paisagem é tida como neutra, uma visualização branca, de classe média e masculina (MONK, 1992; ROSE, 1994).

Outra diferenciação coloca-se nos dualismos inscritos nos discursos utilizados para compreender espaços e comportamentos, como a dualidade entre cultura e natureza. Uma das proposições pode ser vista no fato de que tanto masculinidades como feminilidades são espacialmente específicas e vinculadas à distintos comportamentos espaciais (ROSE, 1993). Outra distinção se faz entre a visão masculina que incorpora a razão e a feminina que incorpora a emoção (BONDI, 1992).

Para McDowell (2003), a distinção trabalhada pelas/os geógrafas/os humanos entre os espaços públicos e privados, associados ao gênero, influenciaram o

conteúdo da ciência geográfica. As divisões dicotômicas ou binárias, e o seu mapeamento em uma divisão sexual, é uma distinção categórica entre homens e mulheres. Isto tem continuado a exercer uma grande influência sobre a imaginação geográfica, assegurada pelas instituições sociais, políticas e contemporâneas. Em todas as comparações entre homens e mulheres, os atributos culturais associados às mulheres e à feminilidade são construídos e percebidos como inferiores aos atributos dos homens e à sua masculinidade. Os homens são vistos como protetores das mulheres e da força feminina, protetores das esposas, irmãs e filhas; um sujeito que participa da esfera pública e da política do trabalho, e que não participa da esfera doméstica. A casa é definida como a esfera da influência feminina, um refúgio ou um espaço de lazer para os homens. Para a autora, são as instituições fundamentais da sociedade moderna – *família, sistemas de educação, Estado, mercado* – que normalizam estas diferenças entre os gêneros e ao fazê-lo, reproduzem as relações desiguais entre homens e mulheres.

Uma proposição contribuinte à interseccionalidade entre gênero e sexualidade, pode ser vista em Valentine (1993). Para a autora, a heterossexualidade é uma sexualidade dominante na cultura ocidental moderna. Entretanto, isto não é meramente definido por atos sexuais nos espaços privados, mas é um processo de relações de poder que opera na maior parte dos ambientes cotidianos. São apontados como espaços de heterossexualidades a casa, o local de trabalho, os espaços sociais (os hotéis compondo um imaginário espacial doméstico às famílias, ou uma imagem espacial associada ao adultério heterossexual; e os restaurantes como um ambiente relacionado a um ritual de intimidade e namoro heterossexual), ambientes comerciais e de serviços e os espaços públicos.

Percorrendo o mesmo caminho, Duncan (1996) destaca as novas direções das pesquisas sobre a importância do espaço na constituição do gênero e da sexualidade. Monk (1992) também tem visto que tanto homens e mulheres significam suas espacialidades de forma distinta. Bondi (1992) tem discutido os símbolos em paisagens urbanas, enquanto Peake (1993) tem tratado do espaço urbano enquanto um local de construção de signos de raça, classe, gênero e sexualidade.

Estes elementos têm sido experimentados e analisados de forma simultânea pelos sujeitos, em uma situação de entrelaçamento de gênero, classe, espaço e lugar. A Geografia Feminista tem produzido uma compreensão da geografia cultural contemporânea através da incorporação da identidade ao gênero na representação social do espaço.

A espacialidade tem sido de fundamental importância na compreensão dos fenômenos envolvendo relações de poder (OBERHAUSER, 2003). Indo além da interrogação sobre os temas relacionados às mulheres, na dualidade entre espaço público e privado, McDowell (2003), destaca que os geógrafos têm buscado compreender quais são seus termos e suas geografias, explorando as relações entre capitalismo e patriarcado, por exemplo. As críticas tem ressaltado a constante dúvida da natureza destas identidades para estas categorias, em diferentes temporalidade e espacialidades. E um dos veículos destas relações tem sido o corpo.

Determinados corpos são marcados identitariamente como sendo diferentes ou marginais, e estando associados a espaços particulares, enquanto outros são considerados normais e muitas vezes colocando-se como neutros no discurso dominante. Isto tem se mostrado a partir da justaposição entre sexualidade, gênero e espaço, na simultânea associação entre

sexualidade/corpo e seu monitoramento. O corpo tem se colocado como um espaço social e político, indo além de um espaço biológico. Esta afirmação remonta à década de 1940<sup>14</sup>, quando da proposição de Beauvoir (1967, p. 9):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *outro*.

As espacialidades tomadas por inquérito referem-se tanto aos espaços urbanos como rurais, tanto na representação de identidades masculinas ou femininas, como de gays e lésbicas. Essas explorações entre sexualidade, gênero e espaço, intermediadas pelas identidades, tem demonstrado uma multiplicidade de possíveis negociações entre identidades e espaços, pois para Oberhauser (2003), o corpo tem se mostrado tanto fixo como fluído, e através dos lugares. Como tal, demonstra o que é singular e comum na forma em que as espacialidades são experienciadas e reproduzidas a partir de negociações entre corpo e espaço.

Até agora, as reflexões envolvendo gênero e espacialidade tangenciam as reflexões sobre sexualidade e espacialidade. Examinando o rápido crescimento dos trabalhos tratando da espacialidade da sexualidade, Binnie e Valentine (1999) demonstram o estabelecimento de uma abordagem na geografia de língua inglesa, denominada *Geografia da Sexualidade*.

Do total de trabalhos publicados no período entendido entre 1978 a 1997, referentes a esta abordagem, mais de 85% das publicações ocorreram na década de

1990. Entretanto, além de elevar toda a produção relacionada a esta abordagem, Binnie e Valentine (1999) demonstram que os principais caminhos instituídos nestas reflexões referem-se à oposição urbano/rural, a geografia da cidadania e a geografia urbana.

Os primeiros trabalhos sobre espaço e sexualidade restringiram-se a demonstrar as geografias dos refúgios gays, já nos anos de 1978 e 1981. Contudo, o trabalho que recebeu maior número de citações foi a reflexão desenvolvida por Castells (1983) em *The city and the grassroots*. Como visto pelos autores, neste trabalho Castells teve como foco o mapeamento e o estudo sobre espaços gays e lésbicos em São Francisco. Sua argumentação era de que a espacialidade de gays e lésbicas era um reflexo de seus respectivos papéis e comportamentos de gênero. Tanto para grupos de gays como de lésbicas, varias pautas de discussão têm sido admitidas, como as relações entre economia política do espaço e política da sexualidade, culturas sexualizadas de consumo e produção de espaços, o trabalho informal e institucional, e a gestão de múltiplas identidades na vida diária.

Binnie e Valentine (1999) dissertam que atualmente têm sido significativos os trabalhos relacionados aos aspectos menos visíveis de comunidades gays e lésbicas, tanto sobre o entendimento das comunidades, como em relação ao ciberespaço de lista de e-mail's na internet. Algumas lacunas são apontadas pelos autores, como o pouco número de publicações relacionando as geografias de gays e lésbicas ao processo de globalização, ou às áreas de Geografia dos Transportes e Geografia da População.

Assim, pouca explicação existe para a pequena atenção dada às identidades sexuais – de gênero hegemônicas e a heterossexualidade. E, parafraseando Binnie e Valentine (1999), temos poucas testemu-

<sup>14</sup> A primeira publicação é do ano de 1949, sob o título *Le deuxième sexe*.

nhas no Brasil que trabalhem produzindo reflexões relacionadas às possíveis espacialidades do gênero e da sexualidade. Infelizmente, o etnocentrismo da literatura relacionada a espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista se mantém largamente não desafiados.

## PALAVRAS FINAIS

Nossa reflexão salientou que diferentemente do Brasil, onde a Geografia tem demonstrado pouco interesse<sup>15</sup> nas possíveis relações entre espacialidade, gênero e sexualidade, a geografia anglófona tem valorizado esta orientação, interesse demonstrado a partir dos inúmeros caminhos de reflexão e ação.

Estes caminhos têm buscado compreender as questões metodológicas, referentes à identidade, cultura, espacialidade, mas também nas discussões sobre identidade, espaços do corpo e sexualidade. Prova deste interesse é a existência de grupos específicos de discussão em diversas associações de geógrafos, como na Association of American Geographers (Geographic Perspective on Woman Specialty Group), na Royal Geographical Society with the Institute of British Geographers (Woman and Geography Study Group of IBG) na International Geographical Union (Commission on Gender and Geography), no Canadian Association of Geographers (Canadian Woman and Geography Study Group).

Estas perspectivas ampliam a possibilidade de compreensão da ação humana sobre/atraves da superfície da Terra. Ampliam as possibilidades de sairmos de nossos pequenos mundos, estruturados a partir das nossas normas ocidentais de gênero e sexualidade, para um mundo repleto de diversidade e complexidade.

<sup>15</sup> Mudanças se apresentam no horizonte, com a previsão de ocorrência do Encontro da UGI – Sessão Gênero, no Brasil, em 2011. Fonte: <http://www2.fmg.uva.nl/igugender/>

Ampliam as possibilidades de percebermos que a própria diversidade se encontra ao lado.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, 499 p.

BINNIE, Jon; VALENTINE, Gill. Geographies of sexuality – a review of progress. **Progress in Human Geography**, 1999, vol. 23, nº 2, p. 175-187.

BLACKWOOD, Evelyn. Gender transgression in colonial and postcolonial Indonesia. In: **The Journal of Asian Studies**, 2005, vol. 64, nº 4, p. 849-879.

BONDI, Liz. Gender Symbols and Urban Landscape. In: **Progress in Human Geography**, 1992, vol. 16, nº 2, p.157-169.

BURTON, Richard. **The Thousand Nights and a Night**. Volume 10, London: DP&P, 1886. <[http://www.wollamshram.ca/1001/Vol\\_10/vol10.htm](http://www.wollamshram.ca/1001/Vol_10/vol10.htm)>, [10 de janeiro de 2009].

BUTLER, JUDITH. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 236 p.

CAMPOS, Heleniza. Permanência e Mudança no Quadro de Requalificação Espacial de Cidades Brasileiras: O Caso das Territorialidades do Sexo na Área Central do Recife. In: **Revista Território**, Jul/Dez 2000, Nº 9, p. 25 – 43.

CASTELLS, Manuel. **City and the grassroots: a cross-cultural theory of urban social movements**. Berkeley: Ucb, 1983, 449 p.

COSGROVE, Denis. A Geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92 – 122.

COSTA, Benhur Pinós da. A relação dialética entre funcionalização e afetividade na construção do espaço urbano: a produção microterritorial e o caso das convivências homoeróticas subterrâneas ao social. In: **Caesura**, 2005, n. 27, p. 45-68.

DUNCAN, Nancy (ed.) **BodySpace: Desestabilizing geographies of gender and sexuality**. London: Routledge, 1996, 278 p.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; CASTRO, José Flávio Moraes. Diferenças sócio-espaciais entre homens e mulheres chefes de domicílio de Belo

Horizonte, 2000. **Sociedade & Natureza**, 2003, vol. 14, n° 15, p. 189-207.

DYNES, Wayne. **Homolexis: a historical and cultural lexicon of homosexuality**. New York: Gai Saber Monograph, 1985, 177 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152 p.

GAILE, Gary; WILLMOTT, Cort (Orgs). **Geography in america at the dawn of the 21<sup>st</sup> century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, 820 p.

GRUNTFEST, Eve. Geographic perspective on Woman. In: GAILE, Gary; WILLMOTT, Cort (Orgs). **Geography in America**. Columbus, Ohio: Merrill, 1989, p. 673-683.

KAY, Jeanne. Landscapes of Women and Men: Rethinking the Regional Historical Geography of the United States and Canada. In: **Journal of Historical Geography**, 1991, vol. 17, n° 4, p. 435-452.

LÓPEZ PONS, María Magdalena; LAN, Diana. Democracia, género y participación política en el territorio argentino a principios del siglo XXI. In: **Revista Terr@ Plural**, jan/jun 2008, vol. 1, p. 9-24.

MATTOS, Rogério Botelho de; RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. In: **Revista Território**, 1996, vol. 1, n° 1, p. 59-76.

MCDOWELL, Linda. Doing Gender: Feminism, feminists and research methods in human geography. In: **Transaction on the Institute of British Geographers**, 1992, vol. 17, n° 4, p. 399-416.

\_\_\_\_\_. Geographers and sexual difference: feminist contributions. In: JOHNSTON, Ron; WILLIAMS, Michael. **A century of British Geography**. New York: Oxford University Press, 2003, p. 603-623.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da 'ciência': colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.

MIKESELL, Marvin. Posfácio: novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 85-109.

MONK, Janice Gender in the Landscape: Expres-

sions of Power and Meaning. In: ANDERSON, K.; GALE, F. (Eds.). **Inventing places: studies in cultural geography**. Melbourne: Longman, 1992, p. 123-138.

NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: O paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. In: **Revista de História Regional**, 2007 a, vol. 11, p. 7-28.

\_\_\_\_\_. Constrangimentos espaciais: a concepção legal de infância e as táticas desconstrucionistas desenvolvidas pelas profissionais do sexo. In: **Revista Terr@Plural - Estudos em Gestão do Território**, 2007 b, vol.1, p. 103-113.

NABOZNY, Almir; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Desafios à análise do espaço urbano: interpretando textos marginais do discurso geográfico. In: **Terra Livre**, 2007, v. 29, n° 2, p. 15-28.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In: **Psicologia em Estudo**, set/dez 2006, vol. 11, n° 3, p. 647-654.

NAST, Heidi. Opening Remarks on 'Women in the Field'. In: **The Professional Geographer**, 1994, vol. 46, n° 1, p. 54-66.

OBERHAUSER, Ann M.; RUBINOFF, Donna; BRES, Karen D.; MAINS, Susan; POPE, Cindy. Geographic Perspective on Woman. In: GAILE, Gary L.; WILLMOTT, Cort J. (Orgs). **Geography in America at the Dawn of the 21<sup>st</sup> Century**. Oxford: Oxford University Press, 2003, 820 p.

OLESEN, Virginia. Early Millennial Feminist Qualitative Research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonnas. **The Landscape of Qualitative Research**. London: Sage Publication, 2008, p. 310-370.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de; VIANNA, Márcia Coelho de Segadas. Trabalho feminino e a situação familiar da mulher nas áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e Recife. In: **RBG**, 1980, vol. 50, n° 2, p. 5 - 48.

ORNAT, Marcio Jose. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. In: **Revista Terr@ Plural**, jan/jul 2008, vol. 1, p. 41-56.

ORNAT, Marcio Jose; SILVA, Joseli Maria. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa - Paraná. In: **Revista de História Regional**, 2007, vol. 12, n° 1, p. 175-195.

- PEAKE, Linda. Race and sexuality: challenging the patriarched structuring of urban social space. In: **Environment and Planning D: Society and Space**, 1993, vol. 11, p. 415-432.
- PHILLIPS, Richard. Writing travel and mapping sexuality - Richard Burton's Sotadic Zone. In: GREGORY, Derec; DUNCAN, James. **Writes of postage, reading travel writing**. New York, Routledge, 1999, p. 70-91.
- RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de rua e turismo em copacabana - a avenida atlântica e a procura de prazer. In: **Revista Território**, Jul/Dez 1997, Vol II, nº 3. p. 87 - 104.
- ROSE, Gillian. **Feminism & Geography**. the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993, 205 p.
- \_\_\_\_\_. The cultural politics of place: local representation and oppositional discourse in two films. In: **Transactions of the Institute of British Geographers**, 1994, vol 19, p. 46-69.
- \_\_\_\_\_. Situating Knowledge: positionality, Reflexivities and other tactics. In: **Progress in Human Geography**, 1997, vol. 21, p. 305-320.
- ROSSINI, Rosa Ester. A Mulher como Força de Trabalho na Agricultura da Cana (Estado de São Paulo). **Boletim de Geografia Teorética**, 1992, vol. 22, nº 43-44, p. 295-305.
- \_\_\_\_\_. Geografia e gênero: a mulher como força de trabalho no campo. In: **Informações Econômicas**, 1993, p. 41-52.
- \_\_\_\_\_. mulher e meio ambiente: o trabalho da mulher na agricultura canavieira do estado de São Paulo (Brasil). In: **Mulher e Meio Ambiente**, EDUFAL - Alagoas, 1994, vol. 1, p. 15-40.
- \_\_\_\_\_. As geografias da modernidade - geografia e gênero - mulher, trabalho e família. O exemplo de Ribeirão Preto - SP. In: **Revista do Departamento de Geografia**, 1998, nº 12, p. 7-26.
- \_\_\_\_\_. Nas atividades econômicas a modernidade tecnológica exclui homens e mulheres. Incorpora mais a mulher na cidade e menos no campo. In: **GeoUSP. Espaço e tempo**, 2002, vol. 12, p. 47-56.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil na análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Julho a Dezembro, 1990, p. 5 - 22.
- SILVA, Joseli Maria . Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. In: **Revista de História Regional**, verão 2003, vol. 1, p. 31-45.
- \_\_\_\_\_. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. In: **Espaço e Cultura (UERJ)**, 2007 a, vol. 22, p. 97-109.
- \_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. In: **Geosul (UFSC)**, 2007 b, vol. 22, p. 117-134.
- \_\_\_\_\_. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. In: **GeoUERJ**, 2008, vol. 18, p. 1-18.
- STAEHELI, Lynn; LAWSON, Vitória. Feminism, praxis, and human geography. In: **Geographical Analysis**, 1995, vol. 27, nº 4, p. 321-338.
- VALENTINE, Gill. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. In: **Environment and Planning D: Society and Space**, 1993, vol. 11, p. 395-413.
- VELEDA DA SILVA, Susana Maria. Geografia e gênero/ geografia feminista-o que é isto?. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, 1998, vol. 23, p. 105-120.
- WOMEN AND GEOGRAPHY STUDY GROUP of Royal Geographyc Society with the Institute of British Geographers. **Feminist geographies: explorations in diversity and difference**. Harlow: Lorgman, 1997.

(Recebido em 29/07/2008 e aceito para publicação em 25/11/2008)